

Pesquisa de alto risco na UnB

DF - Saúde

Laboratórios mal equipados contaminam o Lago Paranoá com materiais tóxicos e prejudicam saúde de alunos e professores

Ana Júlia Pinheiro
Da Equipe do Correio

Produtos químicos tóxicos e resíduo de material radioativo desaguam todos os dias no Lago Paranoá porque os laboratórios da Universidade de Brasília não têm como tratar adequadamente esses produtos.

O que sobra das experiências científicas desce para o ralo das pias e de lá para o esgoto. Ou ficam em recipientes como se fossem lixo comum. Na verdade, o material radioativo precisa de um tempo, chamado de meia-vida, para perder seu potencial de emitir partículas. Exige que técnicos especializados controlem essa evolução e saibam quando esses resíduos podem ser lançados fora sem causar prejuízos ao meio ambiente.

Os professores pesquisadores se cercam de todos os cuidados técnicos mas isto não é suficiente. Faltam equipamentos e até oxigênio para sua própria respiração naqueles subsolos.

No laboratório da Biologia Molecular uma parte do que sobra do material radioativo escorre pia abaixo. "Mas é uma quantidade muito pequena, que já perdeu muito do seu poder de radiação", explica a professora Marilene Texeira de Souza. No entanto, ela prefere não arriscar palpites sobre que prejuízo o lago estaria sofrendo ao receber pequenas quantidades de dezenas de outros laboratórios que, como aquele, estão despreparados para tratar o resíduo radioativo. "O pior nem é a radioatividade. São os produtos químicos como o mercúrio, lançado *in natura* no lago", alerta o professor Marcelo Brígido.

SUFICO

No laboratório de Biologia Molecular não há circulação de ar. Um laudo pericial encomendado pela Delegacia do Trabalho, em 1994, condenou suas instalações, assim como as dos laboratórios de Genética, também localizado no subsolo, e

de Química Orgânica. Este último fica no mezanino.

A mesma perícia diz que a quantidade de oxigênio no ambiente é insuficiente. Há ruído demais e baixa luminosidade. E a temperatura no local causa desconforto. Do último laudo até hoje, a situação só piorou. Aumentou o número de alunos e novas pesquisas passaram a ser desenvolvidas. Ontem os termômetros do laboratório registravam 30 graus.

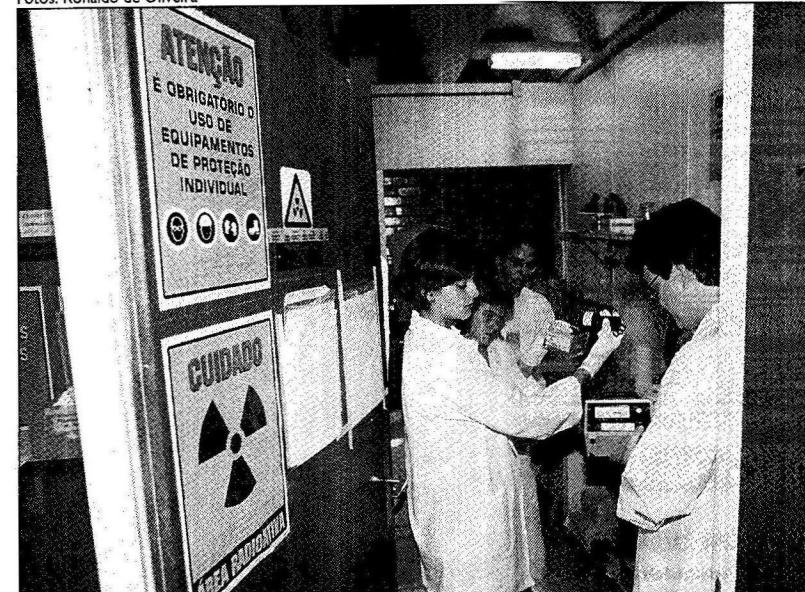
Três anos depois, os professores do laboratório voltaram a denunciar a situação de insalubridade. Eles esperaram todo esse tempo por uma reforma nas instalações que nunca aconteceu, nem mesmo depois de ter sido constatado o risco de saúde que o ambiente oferece. As obras que seriam iniciadas em novembro foram suspensas pela Reitoria por tempo indeterminado.

Dezenas de equipamentos parecidos com freezers, geladeiras, frascos e pias deixam pouco espaço para a média de 40 alunos e dez professores circularem em 600 metros quadrados de laboratório. A porta para saída de emergência dá acesso a uma sala para guardar bagulhos. Há restos de sofás, cadeiras e até um barco no caminho de quem tentar escapar de incêndios ou qualquer outra situação de risco.

Mesmo assim, aos trancos e barancos, foi naquele laboratório de Biologia Molecular que o professor Spartaco Astolf desenvolveu a insulina humana, em dez anos de pesquisa. A novidade comercializada agora pelo laboratório Biobrás supera a insulina tradicional, fabricada com derivados do porco, porque poupa o diabético de inúmeras alergias provocadas por proteínas dos suínos. O pesquisador vive em Manaus mas sua equipe continua lá aperfeiçoando a novidade.

O vice-reitor Erico Weidle explicou que a UnB não tem dinheiro para obra nenhuma. "O Ministério da Educação geralmente nos manda uma verba no final do ano. Mas o que temos até agora é só um orçamento de R\$ 100 mil para adequar o laboratório", lamentou ele.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



Espaço pequeno para o número de pesquisadores, que aumenta a cada ano



Restos de mesas, cadeiras e sofás atrapalham as saídas de emergência